

QUINTA-FEIRA
Lisboa--8 de Agosto--1929

5 TOS TÔES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

1688



fixe

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

«A NOITE DA VALSA»



Augusto Pina, artista desde os bicos dos pés ao grande bico do nariz, ressuscitou as antigas valsas numa primorosa conferencia, com que iniciou as festas do Estoril, de que é o admiravel animador.

Um auspicioso regresso ao «tempo... di valsa», que Pina elevou aos pinaculos da actualidade coreografica, em palavras tão ricas de colorido como os scenarios do seu pincel magico.



Os ditos da semana

O roubo das joias Quando os gatunos entraram era um domingo de madrugada. Tinha havido limpeza geral na vespera, tinha sido batida a carpepe e sacudida a poeira. E deram o primeiro furo.

Na noite seguinte voltaram lá. Estava tudo da sua mão. Lá estava o furo e lá estavam aqueles posinhos de serradura que n^o tinha sido possível fazer desaparecer. Finórios, espertalhões como eram disseram de si para si:

—A coisa tem furo, vamos a isto.

E deram o segundo furo. Na noite seguinte tornaram a tornar.

Lá estavam os furos e mais alguns posinhos de serradura.

Não tinha havido novidade. Mãos á obra, e deram novo furo. Voltaram nas noites seguintes e foram aumentando os furos. Era preciso furar a vida e para isso iam furando o soalho, receosos é verdade, mas sempre pontuais, porque eles bem sabiam que debaixo dos pés se levantam os trabalhos quando não se opera a tempo.

Ao fim de uma semana, como ao fim de quinze dias, verificaram que a carpepe, talvez com ideia nalguma gorgeta, lhes dava uma cumplicidade digna de todo o louvor e, quando saíam, passavam-lhe a mão pelo pêlo, acariciando-a, que é a maneira mais pratica de dizer ás carpepes—muito obrigado.

E a carpepe sempre a encobri-los, a tapar-lhes os buracos, que é essa a missão das carpepes das casas ricas que começam a cair em decadencia,

E ao cabo de trinta dias de furos, lá estava a carpepe, fixe como uma rocha, sem arredar pé, tão trasida de medo que não havia quem a levantasse, quem a arredasse dali.

Depois, foi só dar duas pancadinhas magicos o o soalho ceder.

Por onde entraram as puas, saíram as joias e como as joias são sempre objectos de exposição, quere seja nas moutras quere seja nas mulheres bonitas, levaram-nas

Os Açores, cemiterio de aviadores



to trabalho e de tanto furo... Palmas. Se as teem escondido debaixo da carpepe, daqui a dez anos podiam lá ir busca-las com toda a segurança, que elas ainda lá estavam.

Paris... em onças Decididamente, «A

Tabaqueira» é levada do diabo. Não pára na faina a que se obrigou de volta e meia atirar para o publico com novas marcas. Já tinhamos o «Portuguez», as «Giraldas», e agora como se não bastasse tanto tabaco, atirou para o mercado com «Paris»... em onças. Mas em onças que se fumam...

Dr. Trindade Coelho



Canastras de sapatos Determinou-se que não andasse ninguém descalço nas ruas da cidade, porque se entendeu que uns pés sujos e sem meias, metidos nuns chinelos, davam um certo ar de civilização que havia de ser muito apreciado de turistas e forasteiros da provincia, onde quasi toda a gente anda descalça.

Nos primeiros dias, a população não podia pôr pé descalço em ramo verde. Surgia logo um policia e, quem era apanhado descalço ia parar á esquadra. Lisboa parecia outra. Tudo calçado menos as calçadas que continuavam cheias de buracos.

Mas a policia foi amansando e as varinas começaram a deitar as unhinhas de tóra.

Para palmilhar Lisboa, entendem elas que não ha nada melhor do que andar em palmilhas e, com grande espanto do estrangeiro que já vinha a Lisboa porque lhe disseram que havia finalmente calçadas, os sapatos começaram a subir, o que não admira dada a procura que tiveram E subiram dos pés para as mãos, prontos a descer novamente até os pés, desde que um policia desembocasse da primeira esquina. E foram subindo sempre e subiram até as canastras, numa encantadora confraternização com a pescada do alto e o carapau do gato.

E já ninguém se importa. A questão é que os sapatos existam. Pouco importa o lugar onde se colocam.

E chegamos a este luxo asiatico:

Em Lisboa, tanta guerra se fez ao pé descalço que até as canastras andam agora de sapatos.

Bem sabem as canastras que os sapatos são das varinas, mas bem se importam elas tambem.

Ele ha tanta gente que anda de sapatos que não são seus...

O calor 29, 30, 35, 37, 39. Uff Assim não vale. O sol anda a brincar com agente sem se lembrar que brinca com fogo.

Quando o calor aperta, as mulheres desapertam-se e o

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Duma «Revista Teatral» de 1895 — quando o teatro português tinha no apogeu artistas como Virginia, Lucinda Simões, Adelina Abranches, Rosa Damasceno, Lucinda do Carmo, Augusto Rosa, João Rosa, Brazão e tantos outros — recortamos este pedaço, que deve ser lido com atenção pelos que actualmente se dizem actores e actrizes e pelos que se julgam dramaturgos:

«Ha duas coisas que o nosso actor nunca soube distinguir: a sua individualidade pessoal e a sua individualidade artistica. O autor dramático — e esta desgraça é maior ainda — iludido pela lisonja ou cego pela vaidade, confunde-as igualmente.

Daí, uma das fortes causas — com outras muitas causas e muito fortes também — da ausencia completa da critica no nosso teatro.»

Vem esta transcrição a proposito do inquerito que um jornal diario abriu entre artistas e homens de teatro sobre a actual crise teatral.

A. P. — o mestre illustre a quem ha um mês se prestou uma justissima homenagem — depôs nesse inquerito. O seu depoimento é, como não podia deixar de ser, muito interessante. A. P. sabe o que diz e o que escreve. Felizmente, o jornal em questão, como fez para outros artistas, não precede o inquerito com aquela prosa elogiativa sobre as qualidades e os predicados do inquirido. Felizmente, repetimos, entram logo na materia. Transcrevemos do seu depoimento:

«—O que pensa sobre a crise teatral?

—A crise teatral que hoje se debate entre nós e nalguns países da Europa é um fenomeno natural, cujas causas, diversas, se filiam na economia geral, na acção do tempo e na vertigem epilética da vida moderna. As crises teatraes que a historia geral do Teatro apresenta são comparaveis ás revoluções cosmicas que, de espaços a espaços de tempo, se produzem, originando os grandes cataclismos e convulsionando o Universo.

—Como aprecia a Critica?

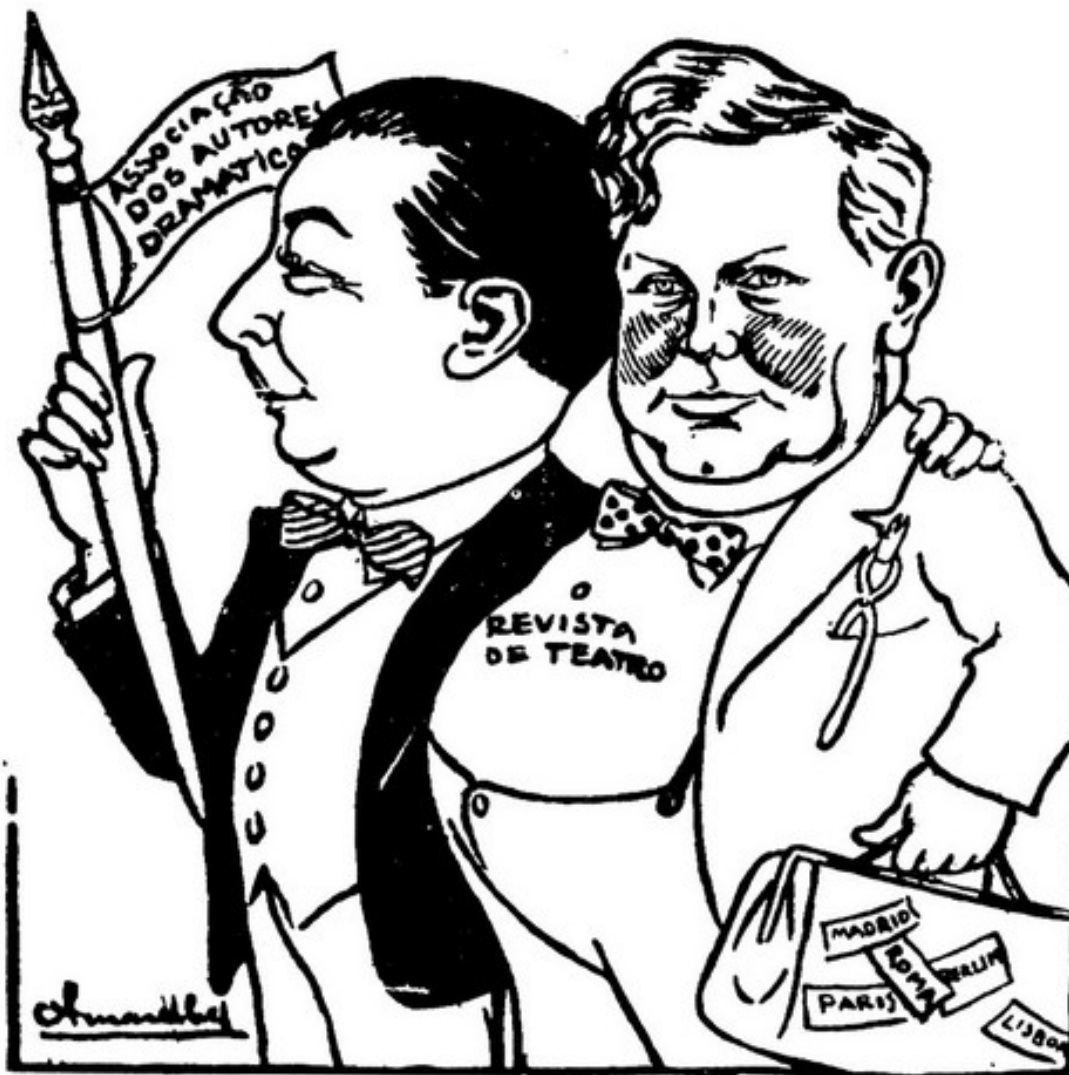
—Se fór sensata, respeitosa, educadora, imparcial e inteligente, é um bem necessario e indispensavel a toda a obra de arte. Se, pelo contrario, fór venal, irritante, acintosa e parcial, deixa de ser Critica e passa a ser insulto.»

É uma resposta que honra o professor do C. e que honra o teatro, onde ha muitos anos trabalha honestamente.

Os que se interessam por teatro tem nestas respostas muito que aprender.

O FENOMENO — não encontramos outra palavra para designar — que se está dando no T. N. é realmente espantoso. As lotações esgotam-se todos os dias. Todos temos a nossa hora — a do T. N. chegou agora...

AQUELE *haut-parleur* do T. N., que



Mario do arte Dramatica e feliz ano dos Santos de casa — que não fazem milagres — conseguiram o milagre de fazer dos pequenos direitos... grandes direitos. Ou eles não fossem du s caras direitas.

vér quem está... e para se mostrar... Aqui dá-se quasi sempre o contrario...

O CRITICO J. F. — que passa o inverno em Vila do Conde e veraneia por Lisboa — diz nos meios teatraes que está trabalhando numa peça *fluvial* em 7 actos, intitulada «D. Aldonsa». A protagonista julga-se que será desempenhada, em *travesti*, pelo actor-empresario A. de A.

O N. F. é um actor que faz rir, mas

faz rir com vontade. Está-o provando na revista *Chá* do acionista turbulento José Parreira... Consegue parar a representação durante alguns minutos. O que, francamente, se dispensava era aquele quadro do cinema e do marido atraído... Depois do exito de gargalhada que provocam as outras rabulas, esta é como que um balde de agua fria pela cabeça abaixo em pleno inverno... Até arrepiam!

A. A. — a grande actriz — tem andado, ha uns dois anos a esta parte, numa dubadora. Desde que saiu do

Uma première



T. N., já percorreu os teatros E., P. e agora G. No inverno vai para o A. E' a autentica Via Sacra!

NA quinta-feira da semana passada, ainda não se sabia, ao certo, quando era a «première» da revista «Charivari».

Alguem, ao saber que ia ser novamente adiada, disse:

— Não deve estar longe a primeira representação. Rebentaram-lhe ontem as aguas...

Realmente, no sabado realizou-se a «première»...

REBENTARAM-LHE as aguas — dizemos acima. Não foi bem verdade... Rebentou, sim... mas rebentou tudo. Foi uma noite tragica e celebre, na historia da revista portuguesa.

Quando chegou ao quadro da piscina, então, é que foi maior o desastre. Nem preparação o quadro teve. Nem musica, nem um bailado... Só pernas de homens se viam por baixo daquela horrivel cortina... Uma catastrophe. O quadro *correu* o pior possivel. Sem representação e sem alegria...

— Agora é que a revista foi por agua abaixo — disse um espectador.

Aqueles creados nem sabiam meter-se na agua... Uma vergonha!

Ao sair do teatro — o destino é cruel — quasi ao dar das duas horas da noite, subia a Avenida da Liberdade um enterro — um enterro completo. Levavam um morto para alguma igreja...

Foi a nota final daquela noite tragica para os 14 autores... e para o publico que assistiu aquele desfile de numeros — que entravam... e saíam como entravam

ATTITUDE correcta a desse francês e attitude desgraçada a daquele autor que desafiou o publico...

É necessario haver cautela com o publico... ele é o juiz... e a justiça não perdão...

OS ditos pela sala... eram repassados de graça... Ouvimos dezenas deles que enchiam esta pagina.

Mas não... Bem basta a infelicidade dos artistas — que vão ficar, talvez, sem trabalho — e dos empresarios, que fizeram um negocio mau...

Os autores, esses sim, talvez sejam os culpados. Verdade seja que só quem não escreve para o teatro é que não sabe como se está sujeito a desaires daquele teor.

Todos nos enganamos. No entanto, ha nesta revista coisas imperdoaveis.

No houve ensaio geral? Crêmos que sim. Ninguém notou os erros de que a revista está cheia? Ninguém viu aquela cortina ridicula que não chegava ao chão e que não chegava aos lados? E aquele scenario do dialogo, de janela para janela, da M. M. com a B. B. Ninguém observou ao ensaiador, ou a quem quer que fosse, que era longo, sem graça e massador? Tudo isto observou o publico, e o

UMA ANEDOCTA

Voceleacias conhecem Chaby. Chaby é uma enorme figura de homem e uma notabilíssima figura de actor. O seu peso, que deve andar por algumas centenas de quilos, equivale ao peso do seu talento.

Pois um dia, Chaby mais a sua gordura encontrava-se em Madrid — diz a anedocta.

Era uma tarde de sol. De sol e torros. E Mestre Chaby, munido do respectivo bilhete, encaminhou-se para a praça de torros. Porque o calor apertasse, mandou a comodidade que o grande actor português procurasse uma carruagem para ali o transportar.

Todavia, todos os coches que passavam iam cheios, e Mestre Chaby (ou outra pessoa qualquer que voceleacias queiram, de igual pesagem) estava disposto a fazer o trajecto a pé, quando surgiu na sua frente um trem vazio.

Chaby sorriu-se de contente e aproximou-se da carruagem.

O cocheiro mais o cavalo, vendo o na sua frente, parece que não ficaram lá muito contentes com a aparição. O cocheiro porque lá ser trabalho e o cavalo que, com a parca alimentação que obtinha do dono, achava esforço demasiada transportar aquela tonelada de carne.

— Para os torros — diz Chaby.

— Não pode ser senhor — responde o cocheiro.

— E porque, homem?

— Porque o animal está muito cansado.

— Ora! Ora! Deixa-te disso.

— Mas se lhe digo que o cavalo está cansado...

— E tu... Deito duas pesetas...

— Então preferia... mas não pode ser.

— Deito três pesetas...

— Mas não temo. Não pode ser. O cavalo está cansadíssimo.

— Bem! Deito quatro pesetas...

— Mas para que tomar tanto, senhor?

— Um duro, queres?

O cocheiro condensou, tapando os olhos ao cavalo:

— *Bueno! Bueno! Pero entre Usted por detrás... y que el caballo no lo vea...*



O rapaz! Viste, por acaso, uma nota de cinquenta escudos em cima da mesa?

— Vi, sim, senhor! E muitíssimo obrigado a V. Ex.ª.



Santo Amaro (Pampulha)

Aquella hora da noite o electrico não ia cheio. O Figueiredo, moina inveterado, que tinha tomado o carro no Rocio, viu aí pelas alturas de S. Paulo, sentar-se num banco á sua frente, uma linda senhora de grandes olhos claros, com um pequenito de três ou quatro anos.

Mais uns quatro ou cinco passageiros sem categoria social para aparecerem no «Diario Mundano», eram os componentes do scenario da peça que se vai desenrolar.

O silencio do electrico foi de repente quebrado pelo menino, filho da formosa senhora, o qual se poz de repente a chorar.

— Não chores meu amor, não chores! pediu a mamã, carinhosa, acariciando a criança. E depois com modo rispido: Se o menino continua a chorar não come doce amanhã.

O insecto que era guloso como um quarteiro de moscas sortidas, racionou-se provisoriamente, para recommear com mais veemencia o berreiro interrompido.

— Cala a boca filhinho! Olha que vais a incomodar esses senhores. O guarda-freio voltou-se para traz e lançou ao mundo um olhar cruaçada, mas não lhe meteu medo nenhum, visto que o saxofone continuou.

A mãe, a linda mãe, que tinha uma fé no sorteo do Grandela, suplicou:

— Cala a boquinha, senão amanhã não andas de taxi a passear na Baixa, Baixa.

O jovem berrador, maluco pelo automobilismo, enguliu a fala ao buxo, mas fê-lo tão rapidamente que esta batendo em baixo voltou novamente á superficie com mais intensidade que anteriormente.

Amorosa, doce, maternal, a pobre senhora tentou mais uma vez acomodar o fruto das suas entrenhas.

E prometeu com um beijo, animando-o:

— Filhinho não chores mais, porque se continuas, eu não te deixo ir de madrugada para a minha cama. Estás ouvindo?

O Figueiredo não ponde mais e resolveu intervir. Curvou-se para a frente sobre o banco em que vinham a senhora e o filho, e, com um risinho canalha, cinico, malicioso, que é só dele, murmurou, como quem se felicita por lhe ter saído a sorte grande:

— Ainda bem que eu não chorei!

E voltou novamente á posição vertical.

Elevador da Gloria

Antonio Patarata tinha chegado a Lisboa havia dois dias. Sem amigos nem familia, resolveu visitar a cidade por sua conta e risco. Como lhe dissessem que o calor era muito, decidiu ir á Porcalhota, o que lhe ia custando a vida na Amadora, que não gosta que lhe chamem coisas feias. Na volta, a pé, como os calos protestassem, tomou o electrico, em Bemfica. Ficou admirado. A limpeza do veiculo, a educação do condutor e até mesmo os passageiros que entravam e lhe pediam licença para passar. Quando o electrico chegou ao Calhariz de Bemfica, um individuo vestido com elegancia subiu para o carro, sentando-se ao lado do Antonio Patarata. Meteu conversa e, cinco minutos depois, já eram amigos velhos.

Quando veio o condutor, Patarata ficou surpreso de não lhe cobrar bilhete; pelo contrario, cumprimentou-o ligeiramente, sabendo que ele tinha passe.

Patarata, julgando-se na presença duma pessoa aberta, abriu-se sem reservas. Tinha quarenta contos e não sabia como empregá-los.

— Mas num negocio rendoso, solido. Com 50 0/0 de lucro já me contentava.

— Nada mais facil — disse o outro.

— Faça como eu. Compre um carro electrico!

— Um carro electrico?!

— Sim, homem. Este em que vamos é meu. Não viu que o condutor não me cobrou bilhete... Isto rende quinhentos mil réis por dia. A' meia noite vai para a estação de Santo Amaro, onde paga uma bagatela de recolha.

— Mas que bom negocio!

— Lá isso é! Olhe, eu tenho três e estou com vontade de me desfazer dum. Quere comprá-lo?

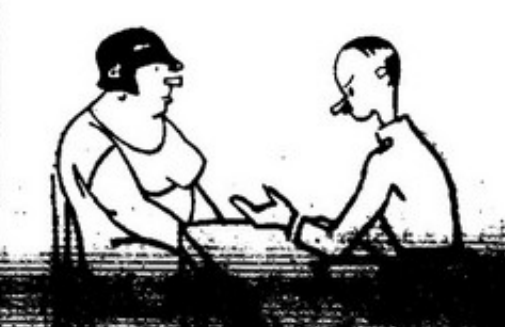
Patarata exultou. O outro escreveu um recibo com o nome do carro, recebeu ali mesmo quarenta contos e mandou-o ir, ao outro dia, de manhãzinha, a Santo Amaro, tomar posse do electrico.

Escusado será dizer que Patarata ficou sem os 40 contos e foi preso como vigarista.



— Então ela rompeu o casamento com o medico novo?

— Rompeu, mas não vingou-se. Mandou-lhe uma conta de 83 visitas...



Raparigas de hoje



... e, uma e outra vez, já não sabia o que lhe havia de dizer.

... cheirar rapé?

... Quantos anos esteve cega?

Pegar de estaca

Certo advogado da provincia, pessoa correcta, sobria e de poucas falas, foi um dia procurado por um camponio rude, tapado e de pouco entendimento.

O homem expôs o caso, perguntou-lhe que queria e aguardou a resposta.

O advogado, um dos mais sabedores da terra, inteligente e culto, deu como sempre, por uma fórmula concisa, mas em termos claros, a resposta á consulta formulada. E esperou que o homem se retirasse.

Porém, o consulente olhava para ele, não dando mostras de ter compreendido uma palavra.

O advogado, que não gostava de repetir as coisas e que, falando claro, quando dizia estava dito, desta vez, perante a expressão alvar do cavalheiro, e para vêr se o homem se movia, abriu uma excepção e tornou a dar-lhe, o mais claramente possível, a resposta da consulta.

Mas o homem nada. Parecia de granito; era a estatua perfeita da estupidéz.

Então o advogado tocou a campainha e disse para o empregado:

— Traga um regador cheio de agua.

O empregado, atonito, olhou o advogado, olhou o consulente, mas, habituado como estava a executar sem delongas as ordens rígidas e inflexíveis do patrão, saiu e voltou momentos depois com o regador na mão e o pasmo no olhar.

O advogado, que continuava trabalhando nos seus processos, voltou-se então para ele e disse secamente:

— Ora regue aqui os pés deste homem, a vêr se ele pega de estaca.



— Ouve, querida, dizem por aí que nós vamos casar um com o outro?
— Ah! meu Deus! E será verdade, porventura?



A barbearia "Seculo XX"

Segundo nos garantem de boa fonte — tão boa, que nem mesmo na canícula deixa de pingar noticias — um numeroso grupo de capitalistas entrou já em negociações para a instalação de um importantíssimo estabelecimento de barbearia.

Agora, que muita gente, querendo furtar-se ao preço de uma barba a val fazendo a si mesmo, e que até, de vez em quando, se entretem com a propria cabeça, rapando-a á maquina, por suas mãos ou pedindo á sopeira que lh'a rape — um luxuoso salão para barbear e afeitar, como dizem os espanhois, constitue uma arrojada iniciativa, digna a todos os títulos da especial menção do *Sempre Fixe*.

Pois não ha duvida; o citado grupo de capitalistas, tendo adquirido três predios apalaçados, vai mandar adoptar-os a uma colossal barbearia, a uma barbearia monstro, pela sumptuosidade e pela grandeza do seu aspecto.

E a boa fonte continua a deitar pelo bico estes detalhes complementares:

A barbearia em questão poderá servir diariamente 3000 fregueses — se os houver, — comportando 120 cadeiras, com outros tantos officiaes effectivos e igual numero de substitutos, 33

mulheres para limpeza geral, 12 criados para limpeza de espelhos, 150 lavadeiras, 100 brunadeiras e 10 químicos para o fabrico de pó de sabão, loções, perfumes e champoos.

A Barbearia Seculo XX — assim se chamará o novo estabelecimento — terá sempre um stock de 1000 navalhas, 2000 pinceis, 500 espelhos, 2500 pentes, e todas as escovas disponiveis no mercado.

As principais dependencias da casa serão subordinadas a funções diferentes e de capital interesse para a clientela. Assim, haverá salão de fumo, salão de frisedela, salão de baile, salão de repouso, salão de jogos, salas de espera, ante-camara, gabinetes de leitura, biblioteca, restaurante, quartos de banhos, etc., etc., não contando ainda com o extenso e bem iluminado jardim de inverno, onde, das 3 ás 8 da noite, tocará uma excelente banda de musica.

Para desempenhar o cargo de gerente da Barbearia Seculo XX está nomeado o sr. Antonio Pinto Nunes, habilissimo e activo homem de negocios, com larga pratica do «metier», e que uma vez mais nos demonstrará a energia e o zelo de que tem dado repetidas provas.

Trim.

Raparigas de hontem



BOM HUMOR

Certo advogado muito conhecido, consultando um medico, queixou-se-lhe de comichões no corpo.

Depois de examiná-lo, o clinico aconselhou:

— Este é um dos casos em que se applica com vantagem a hidrotterapia. Chegando a casa, meta-se dentro de uma tina e lave-se energicamente...

O advogado, atalhando:
— Com sabão, não é verdade? Já fiz isso ha alguns anos...

Dialogo infantil:

— Porque é que os Reis Magos utilizaram o camelo para ir vêr o nascimento do Menino Jesus e não foram de automovel, como os outros reis?

— Ora! Porque tinham que chegar em dia certo...

No alfaiate:

O freguês: — Vinha dizer-lhe que desejava pagar a minha conta...

O patrão: — Já não é sem tempo...

O freguês: — Mas que hoje me é completamente impossivel!

O medico, na camara ardente:

— Tenha resignação, meu amigo. Sua esposa já deixou de sofrer.

— Sim, doutor. E eu tambem...

A criada, que foi despedida:

— Oíça, minha senhora: considerando que não encontra outra criada, nem eu outra colocação, venho propôr-lhe que façamos as pazes e procuremos suportar-nos mutuamente...

Sintoma grave:

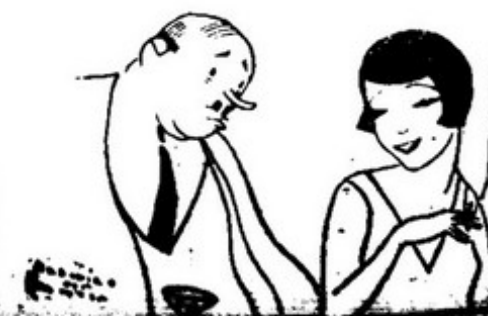
— Dizes que tua mulher perdeu o appetite?...

— Por completo! Nem sequer lhe apetece as comidas que o medico lhe proibiu...



— Esta encosta é má de subir; não haverá meio de arranjarmos um burro?

— Então eu não estou aqui, minha querida? Apoiá-te ao meu brace...



Presença de Cha-Velho

Nos cartazes da última tourada de Algés foi afixada uma tira anunciando que Jun Belmonte dirigia a lide em homenagem a Antonio de Carvalho, e num jornal da manhã saiu o retrato de Carvalho com o nome de Belmonte.

Antonio de Carvalho é, na verdade, um modesto bandarilheiro marceador de esmola, mas da homenagem de Belmonte, ou de ser confundido com Belmonte!

«Vaios, hombre, Carvalloto»

Dois celebridades duma época famosa, o toureiro Frascuelo e o cantor Gyarre, almoçavam num *restaurant* da moda em San Sebastian, e com eles varios amigos e admiradores.

— «Seis» disse um dos admiradores — dois artistas de merito indiscutível, cujas artes são aplaudidas por todos, e ambos ganhais somas fabulosas, mas, precisamente por serem as vossas artes diferentes, torna-se difficil saber qual dos dois terá mais merito.

— Eu! — afirmou Frascuelo.
— Porque? — perguntou Gyarre.
— Porque não ensaio.

A aneddotica que se segue não é lauramaquica, mas podia ser. No melhor pano cai a nodoa, e para se averiguar necessitaríamos conhecer a vida do surdo a que ela se refere.

E o caso que, pouco depois da morte do Principe Alberto, tão sentida pela Rainha Victoria de Inglaterra, um barco de guerra britânico, a fragata «Eurydice», naufragou a vista de Portsmouth, perecendo grande parte da tripulação. No entanto, ainda que com grande trabalho, o navio ponde ser posto a nado e levado até ao porto.

A Rainha Victoria, que se achava em Osborne, quiz ouvir a historia do naufragio e convidou o comandante do barco para almoçar com ella.

O comandante era um velho lobo de mar, de cara escarlate e patilhas brancas, mas surdo como uma porta, pelo que, como todos os surdos, falava gritando.

A pedido da Rainha, explicou detalhadamente o naufragio, e como aquella se considerasse satisfeita e quizesse variar de conversa, perguntou-lhe se era casado e como passava de saúde a mulher.

Não ouvir o comandante a pergunta e, julgando que a Rainha se referia ainda ao seu barco, informou:

— Tenho esperanças de salvamento. O caso é pôr-lhe a quilha para cima, passar-lhe revista e concertar a popa.

A Rainha e a sua comitiva não puderam reprimir o riso, e o velho lobo de mar, que conservou a sua attitude solene, não comprehendeu a razão daquella hilaridade...



— Com os seus padecimentos ponde perfeitamente chegar aos 80 anos.
— Mas... ha dois anos, tinha-me o sr. doutor dito que eu poderia viver até aos 100!

REFLEXOMANIA

Isto da gente meter o nariz em mãos alheias é um grande canudo. E' preciso haver *térmo* e *cautela* com o grande processo, por toda a gente já dado como *rendoso*.

E de facto, o dr. Birronilhas, com consultorio nas Necessidades, têm feito uma fortuna com a tal *reflexomania*. Ha curas miraculosas feitas por esse Galeno de agua morna; ha tratamentos surpreendentes applicados por esse Hippocrates de fossas... nasais. Por exemplo: o sr. Cucufate Metelo, que padecia de hemorragias consecutivas nos parietais, logo que recebeu a *picadura* do ferro em brazão... ocular do dr. Birronilhas, sentiu-se opiado. Dormiu e sonhou como um posseso. Até se esqueceu de que estava doente. Todavia, no dia immediato, pedia a todos os santinhos da corte do céu para que o levassem da cama para o *campo da igualdade*. As dôres do Cucufate fizeram dele um *neossuicida*! E porque? Porque teve que atirar com os parietais ao ar...

Outro caso: Ainda não ha muito tempo — e isto é verdade! — o antigo vendedor de cabedais Lamas Curto da Beira, homem predestinado a sofrer todas as possiveis dôres de cabeça, foi forçado, devido á grande fama do Birronilhas, a ir consultá-lo. Mas, como o Curto era grande de nariz, sofreu três enormes ferros... compridos. E sabem qual era a doença do padecente? Nenhuma. Tinha a mania de que a sua *consorte* o atraiaçava com um dos seus melhores amigos: o A. Pita Carneiro, mais mauso do que um cordeirinho!

Pois, tambem, não ficou curado. Dias após ter recebido o *encanta-*

mento — assim o Birronilhas chamava ao seu instrumento cauterizante — começou a dar com a cabeça pelas paredes. Hoje encontra-se a viver num quarto amoldado do *Grande Hotel Miguel Bombarda*, ali ao Conde Redondo.

Ainda mais um facto: uma certa mania que se *peritia* pelo sangue de Cristo, vendo que a sua doença não tinha cura, resolveu pôr o seu nariz aborbulhado, mas aquilino, nas mãos do celebre medico calcapárras Birronilhas. Resultado: passados dias, em companhia dum tal Gonçalves Peles de Coelho, começou a fazer victorias pelos alcanbiques, a fim de observar se o vinho era baptisado com agua. Ela *acurou-se*, sim, mas com a pele do mesmo animal... Dobrou o dote aos copos, por afferir, e ella agora a respirar saúde como se, porventura, fosse uma padeira de Aljubarrota... de trabalho diurno. E, afinal, a menina não passa dum *asilo de bacilos de Koke-Aina* — novo minério a apparecer no mercado para concorrer com os *Brikets*... de bacalhau!

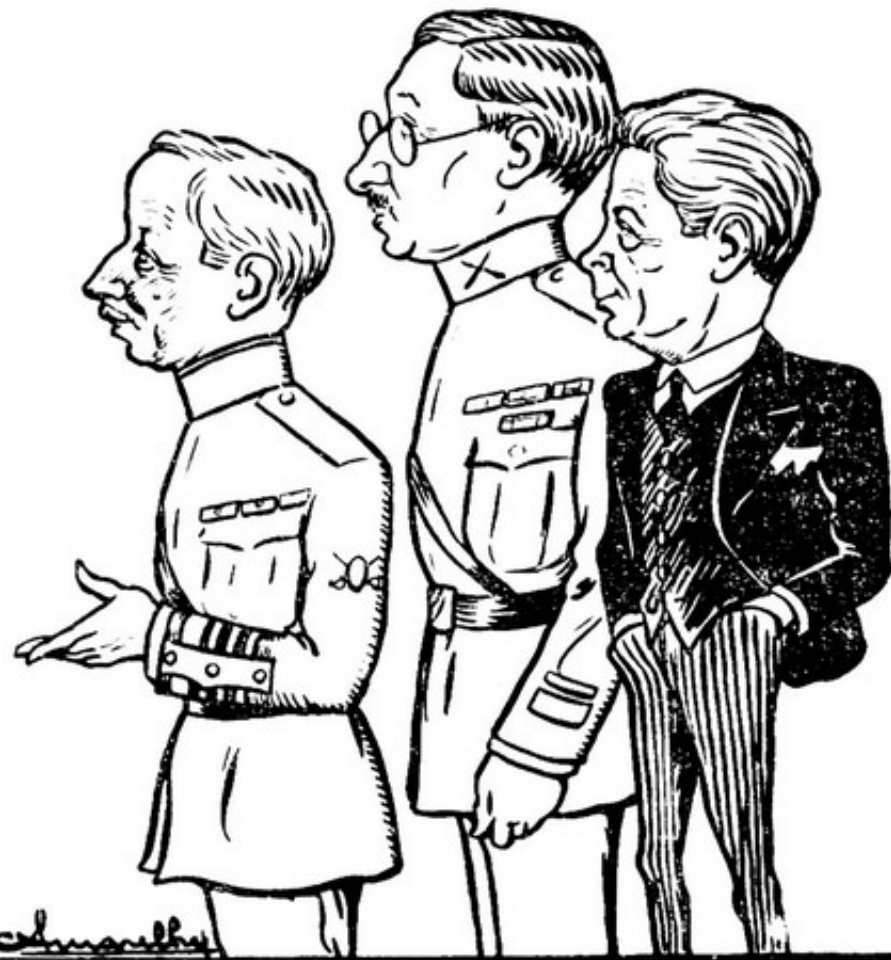
Enfim: o Birronilhas ganha a vida — essa grande porca — com os narizes de cada qual, ministrando-lhes as *faultas* candentes da sua mais que invejada intelligencia.

Ca o meu *baconante* é que está *fire*. Uma *assuadela* e viva o velho, que as *bronquites* são bem prescindidas.

Os outros que metam o nariz onde quizerem. Nada lhes levo por isso!

Ivinho.

As Caldas da Rainha em foco



3 figuras representativas: Coronel Garcia Gomes, Major Oliveira Branco e Carlos Lacerda.

“A Peninha” “Restaurant”

O seu proprietario previne os seus Ex.^{mos} amigos e clientes que reabrira este acreditado “restaurant”, na rua Pascoal de Melo, n.º 2.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este “restaurant” encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario.

2, Rua Pascoal de Melo, 2-A (a Almirante Reis)
(junto á fabrica de cerveja Portugalia) — TELEFONO N. 5582

Passagem á juventude

Passagem á juventude! — clamou o chefe trabalhista inglês Mac-Donald na altura de subir ao poder, e acrescentou:

«Nada mais prejudicial a um partido e a uma nação que manter as energias e as ideias em completa *impotencia* até que a morte saive os terriveis obstaculos.»

Pois agora regaiem-se os leitores com esta lista de juventude que é o ministerio Mac-Donald:

Lord Paimour, sessenta e seis anos; Philip Snowden, ministro da fazenda, setenta e quatro anos; Artur Henderson, ministro dos estrangeiros, sessenta e cinco; Sidney Webb, das Colonias, setenta e nove; Lord Sankey, da Justiça, setenta e dois; George Lausbury, de obras publicas, setenta; Clynes, do Interior, sessenta; Adamson, da Escocia, sessenta e seis; Miss Bondfield, ministra do trabalho, cinquenta e seis; Buxton, da Agricultura, cinquenta e nove; Shaw, da Guerra, cinquenta e sete. Os ministros mais jovens são, Graham, com quarenta e um ano, e Alexandre, com quarenta e três. E o proprio Mac-Donald já tem sessenta e dois.

Até parece — diz o Felix Correia — que lá pelas Inglaterras ha uma lei de limite de idade ao contrario, isto é, de cima para baixo.

E ganham estes *juvens* qualquer coisa como quinhentos contos anuais! Para que quererão eles tanto dinheiro, com tantos anos?

Declaração

Diz o *Seculo*, em correspondencia de Sevilla, que o commissario Adolfo Miguel, assim como os seus subordinados, o inspector Sanchez Martin e os agentes Rafael, Aranda, Arullar, Almenara e Rogério Perez tem trabalhado com a maior dedicaçao para a descoberta dos autores do roubo da Joalheria Lora, estando o consul de Portugal na disposiçao de pedir ao Governo a concessão de condecoraçoes para todos.

Ora o nesso colaborador Rogério Perez, que apenas colaborou no *crime* «De Lisboa a Sevilla», mas que está em Lisboa e não em Sevilla, declara não aceitar condecoraçao alguma sem que sejam igualmente condecorados os seus colegas de concurso, Belo Redondo e Mario Reis, este autor da inclusão do seu nome para condecorado.



— Mas... ha dois anos, tinha-me o sr. doutor dito que eu poderia viver até aos 100!



O que se diz e o que se não deve dizer

UMA SEMANA DESPORTIVA SEM PROVAS

O que houve na semana desportiva que passou? Nada!

Nada — não! Houve umas belas provas na Figueira da Foz. Mas a Figueira está demasiado longe para que possam chegar cá uns ecos humorísticos.

E além disso — nada mais!

Passo os olhos pelas paginas desportivas dos grandes diários — e nada, ainda!

Como encher estas colunas?

Peço a Deus Todo Poderoso que se amerceie de mim.

* * *

Na ultima assembleia geral da Associação de Foot-ball de Lisboa foi apresentado o relatório e contas da época finda.

São elucidativos e animadores. Ha, crêmos que pela primeira vez apos muitos anos, um «defeito» de algumas dezenas de contos.

Entrou-se no baixa-mar. E agora se vê quão oportuna foi a atitude da gerencia, dificultando ao maximo a entrada dos jornalistas nos campos, regateando cartões e fazendo-os apreender dentro das normas da mais absoluta falta de educação.

Entrou-se no baixa-mar. Para apressar o fim, resta aos dirigentes um processo financeiro muito em

moda; — triplicar o preço dos bilhetes...

* * *

Muitas vezes transcrevemos para aqui *bocadinhos de ouro* das criticas desportivas nacionais. Mas lá fóra também os ha bem bons.

Vejam-se estes trechos do relato da *Liberté* sobre o *Grand Prix* automobilista de San Sebastian.

«A prova comportava 692 kilometros. Os concorrentes tiveram, pois, que fazer quarenta voltas de circuito antes de poderem franquear a linha de chegada.»

Conclue-se que a linha de chegada era uma linha fugitiva.

«Desde a partida, a luta foi cerrada entre os catorze inscritos que, aliás, haviam partido em excelentes condições.»

Que se teria passado então, se a partida se não faz em boas condições?

«Como se supunha, Bugatti atraiu logo a atenção dos espectadores.»

Pois claro! Dos 14 carros inscritos, 12 eram *Bugatti*. Se eles não atrais-

sem a atenção, em que se haviam de entreter os espectadores?!

* * *

Numa viagem de turismo, ela pergunta ao condutor:

— Querido, é muito arriscado guiar com um só braço?

— E', sim. E' mesmo muitissimo perigoso. Por fazer isso, muitos têm ido parar á igreja...

* * *

Da lá a escassês das competições desportivas usuais, inaugurou-se uma piscina no Teatro Politeama.

A prova de mergulho foi ganha pelos autores.

* * *

Fez exame para condutor automobilista um homem que quere ser profissional. Interrogam-no sobre a honestidade:

— Que faz se achar dentro do carro uma pasta com 500 contos?

— O que faço? Nada! Passo a viver dos meus rendimentos.

Rebola-A-Bola.

Zé Maria.

Ha quem queira andar no ar E ha quem não queira ir ao ar

Dois tipos que na America nasceram, E são aviadores de profissão. Dentro dum aparelho se meteram E vai então Desataram a voar. Passou-se um dia, Outro dia se passou. E não havia Processo dos pardais virem cá baixo. Faziam-lhe sinais. De noite um facho Pedia-lhes por tudo que descessem. Na esperança que os herois se comessem.

Mas não, e só ao fim de muitos dias (Dezessete, se a memoria me não falha)

Aqueles dois Matias Suspenderam a epica batalha, A luta pelo recôrdo.

* * *

Em Lisboa, porém, mas ás avessas, Ha muitissimo melhor, Mais colossal, enfim, mais imponente;

Ha gente que por portas e travessas Anda a vê se consegue exactamente O contrario dos tais americanos, Pois desejam ficar por mais uns anos Nas cadeiras do mando. Não quere ir ao ar nem á granada E vão ficando.

E teem-na fígada De bater o «recôrdo» da duração.

... .. Refiro-me á heroica Direção Da nossa prestimosa Associação. De que é chefe supremo o bom Barão.



— Olha as belas melancias á faca!



— Subir lá acima? A escada tem elevador?

ECOS NA SEMANA

UM VERDADEIRO TIPO UNICO E MUITO AZEDO PARA TODOS.



OS CANGALHEIROS ESCANGALHARAM-SE DE SATISFAÇÃO QUANDO SOUBERAM QUE A CAMARA NÃO POUDE MUNICIPALIZAR OS ENTERROS.



BREVEMENTE CHAMAR-SE-HA A RUA GARRETT... RUA DO QUEBRA COSTAS (SÔBRETUDO JUNTO A CALÇADA DO SACRAMENTO)



TARECOS A CAMINHO DO VERANEIO. "SABAI" LEITORES QUANTOS NÃO DESEJARIAM SER TARECOS OU TOTOS. FELIZES OS BICHANOS QUE PODEM VERANEAR!



BASTA DE EPISTOLAS E FALAM-SE OBRAS !! CARLOS É PARA A OPERA



AS TRAVESSIAS ARROJADAS



UM MADURO TENTOU ATRAVESSAR O ATLANTICO ÀS CAVALITAS DO "CRAFT"

ESTA É QUE É A VERDADEIRA ALTA ESCOLA

O LORY LÓ LÉ IÁS FICANDO TRAMADO POR NÃO HAVER IMPRESSÕES DIGITAIS FOI NECESSARIO MANDAR ANALISAR ALGUMAS GOTAS DE SUOR AO DR. LEPIERRE, QUE RECONHECEU PERTENCEREM AO MAU MAURIN



TEMHO DE NA DO MAURIN COLTADO DE TANTO TRA